



Artigo original

TEMPO E ASPECTO VERBAL EM CITSHWA

Lucério Gundane 

Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Save, Moçambique

RESUMO: À luz da Morfologia e Fonologia Lexical de Kiparsky (1982), o estudo, a partir de Meeussen (1967), analisa a distribuição dos constituintes tempo e aspecto em Citshwa (S.51 segundo GUTHRIE, 1967-71). O problema que se levanta reside na análise da distribuição destes constituintes na estrutura do verbo, bem como a forma como eles são expressos. O estudo é exploratório e qualitativo e, durante a geração de dados, a triangulação metodológica envolveu a pesquisa bibliográfica, a entrevista qualitativa e o questionário. O trabalho de campo decorreu na cidade de Maxixe de 2014 a 2015. Do universo de 300 informantes, seleccionou-se uma amostra não probabilística de 70 falantes de Citshwa, usando-se variáveis como idade, sexo, nível escolar e língua materna. O tempo foi descrito nas categorias passado simples, passado composto, presente habitual, presente pontual e futuro simples, nas formas afirmativa e negativa. Relativamente ao aspecto, o estudo descreveu as 4 categorias aspectuais (COMRIE, 1976): perfectivo, imperfectivo habitual, imperfectivo pontual e imperfectivo progressivo, tendo mostrado que estes morfemas se distribuem nas diversas posições na estrutura do verbo e, nalguns casos, como é o caso do aspecto perfectivo, a sua posição coincide com a do passado simples. Assim, conclui-se que em Citshwa os constituintes tempo e aspecto se afixam ao verbo e distribuem-se dentro das 11 posições na estrutura interna. Estes constituintes são expressos por morfemas segmentais e suprasegmentais.

Palavras-chave: Citshwa, tempo e aspecto.

TENSE AND ASPECT IN CITSHWA

ABSTRACT: The according of Kiparsky's Lexical Morphology and Phonology (1982), the study, based on Meeussen (1967), analyzes the distribution of the tense and aspect constituents in Citshwa (S.51 according to GUTHRIE, 1967-71). The problem that arises lies in the analysis of the distribution of these constituents in the structure of the verb, as well as the way in which they are expressed. The study is exploratory and qualitative and during data collection, the methodological triangulation involved bibliographical research, qualitative interviews and the questionnaire. The Fieldwork took place in the city of Maxixe from 2014 to 2015. From a universe of 300 informants, were selected 70 Citshwa speakers, using variables such as age, sex, educational level and mother tongue. The Time was described in the category's simple past, compound past, habitual present, punctual present and simple future, in affirmative and negative forms. Regarding aspect, the study described the 4 aspectual categories (COMRIE, 1976): perfective, habitual imperfective, punctual imperfective and progressive imperfective, having shown that these morphemes are distributed in different positions in the structure of the verb and, in some cases, as is the case with the perfective aspect, its position coincides with that of the simple past. Thus, it is concluded that in Citshwa the constituents tense and aspect are attached to the verb and are distributed within the 11 positions in the internal structure. These constituents are expressed by segmental and suprasegmental morphemes.

Keywords: Citshwa, tense and aspect.

Correspondência para: (correspondence to:) luceriogundane@yahoo.com

INTRODUÇÃO

A partir de Meeussen (1967), o estudo analisa os constituintes tempo e aspecto no verbo em Citshwa, língua codificada S.51 por Guthrie (1967-71). O Citshwa é falado nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane e na zona meridional das províncias de Manica e Sofala. Esta língua é falada ainda na zona meridional de Zimbabwe e na África do Sul, na província do Transvaal (NGUNGA e FAQUIR, 2011).

Em termos numéricos, como mostra Gundane (2023, p. 211), “no que diz respeito ao número de falantes, de acordo com os dados do INE (2019), esta língua é falada por 836.644 pessoas de cinco anos e mais de idade, um número relativamente maior, se se comparar com os dados do censo populacional de 2007 (693.386 falantes)”.

De acordo com Ngunga e Faquir (2011), o Citshwa apresenta 6 variantes, designadamente: Xikhambani, falada no distrito de Panda; Xirhonga, falada na zona ocidental do distrito de Massinga; Xihlengwe, falada nos distritos de Morrumbene e Massinga, na zona de Funhalouro; Ximhandla, falada no distrito de Vilankulo; Xidzhonge (ou Xidonge), falada na parte meridional do distrito de Inharrime e Xidzivi, falada nos distritos de Morrumbene e Homoine.

Assim, à luz do quadro teórico de Morfologia e Fonologia Lexical de Kiparsky (1982), que refere que a análise dos fenómenos morfológicos é condicionada fonologicamente, uma vez que a entrada de cada processo de formação de palavra é submetida às regras fonológicas; especificamente, o estudo identifica os constituintes tempo e aspecto no verbo em Citshwa, sua distribuição, constituição, bem como a forma como eles são expressos.

Em bantu, partindo do pressuposto segundo o qual, ao verbo, são aglutinados todos os morfemas flexionais e derivacionais, surge o presente estudo que se circunscreve nas seguintes questões exploratórias: De que forma os constituintes tempo e aspecto são expressos e distribuídos na estrutura do verbo em Citshwa?

Para o efeito, a ortografia usada nesta pesquisa é a proposta no Relatório do IV^o Seminário sobre a Padronização da Ortografia das Línguas Moçambicanas (NGUNGA *et al.*, 2022). Mas, das 5 variantes do Citshwa descritas acima, não se tomou uma variante particular, porque se pretende fazer a descrição desta língua na sua generalidade. Quanto ao tom, durante o processamento de dados, foi marcado em todas as palavras, uma vez se tratar de uma língua tonal (GUNDANE, 2021).

QUADRO TEÓRICO

Morfologia e fonologia lexical

Este quadro constitui um programa de pesquisa desenvolvido nos anos 80, juntando um número de fonólogos, de entre eles, Paul Kiparsky; K. P. Mohanan; Douglas Pulleyblank; Steven Strauss. Para estes teóricos, a fonologia de uma língua é dividida em dois componentes distintos, nomeadamente, fonologia lexical e fonologia pós-lexical (GOLDSMITH e LAKS, 2012).

O modelo foi proposto por Kiparsky (1982), usado por alguns linguistas moçambicanos (NGUNGA, 2000; LANGA, 2012; GUNDANE, 2018), entre outros. Neste modelo, assume-se que as

regras fonológicas são aplicáveis aos diferentes níveis na gramática (léxico). Esta teoria pode variar de língua para língua, mas, genericamente há regras que se aplicam ao nível lexical e outras que se aplicam ao nível pós-lexical (NGUNGA, 2000).

Neste modeloii, há dois tipos distintos de regras fonológicas: um tipo que se aplica ao léxico, que corresponde às chamadas regras lexicais; outro tipo, cuja aplicação se dá na saída da sintaxe, fora do léxico, e que corresponde às chamadas regras pós-lexicais. Entretanto, na fonologia generativa não há distinção entre as variações fonológicas condicionadas pela morfologia e as variações fonológicas condicionadas pelos factores fonéticos. O componente fonológico é separado do morfológico. Pelo contrário, na fonologia lexical, o léxico é considerado como estrutura composta de alguns níveis ordenados, que são os domínios de algumas regras fonológicas, de modo que o componente fonológico existe não só depois da sintaxe, mas também no léxico (LEE, 1992).

Tal como referem Katamba e Stonham (2006), há uma relação simbiótica entre as regras que operam na estrutura morfológica e fonológica das palavras. Lembre-se que estas regras actuam no léxico e são organizadas em três níveis hierárquicos. O nível 1 actua nos domínios da flexão e derivação, ambas irregulares; o nível 2 opera ao nível da derivação regular e composição e, finalmente o nível 3 centra-se com a flexão regular.

Entretanto, pode-se perceber que os processos morfológicos se organizam em níveis, e, em cada nível, aplica-se um conjunto de regras e/ou processos fonológicos. Observe-se que tais regras são denominadas cíclicas e só se aplicam no componente lexical em ambientes derivados.

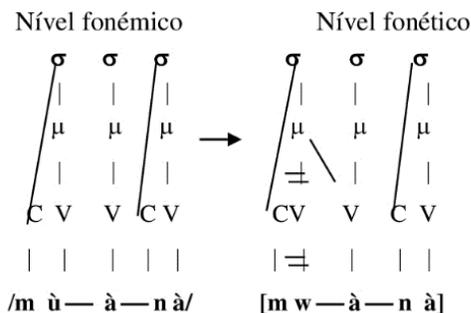
Uma vez apresentado o modelo em que se circunscreve o presente estudo, a seguir, com base nos dados do Citshwa, apresenta-se a sua aplicação.

Observe-se a palavra *mwana*:

Nível 1. ° Morfologia: formação da palavra

i) *mwàná* = (prefixo + tema nominal) (<mu + ana>) ‘filho/a’

Nível 2. ° Fonologia



Como se pode ver, no primeiro nível (1), morfológico, ocorre a afixação do prefixo nominal *mu-*, da classe 1 ao tema nominal *-ana*, resultando na formação da palavra */mu-ana/*. Contudo, já no segundo (2) nível, fonológico, ocorre uma regra fonológica – *semivocalização*, devido ao encontro vocálico de dois segmentos, ambos [+sil], isto é, [u] e [a], que criam um hiato – VV-, uma sequência

de sons não comum em bantu. Assim, a vogal [+alt, +rec], [u] do prefixo nominal perde o traço [+sil], resultando numa semivogal velar [w]. Fazendo-se uma interacção destes processos com as concepções do modelo da fonologia auto-segmental, na estrutura da sílaba da palavra *mwànà*, tal como o traço indica, a vogal do prefixo nominal perde a propriedade fonológica anteriormente descrita e, conseqüentemente, a vogal do tema nominal passa a ter duas moras (geralmente designada por vogal densa). A perda deste traço não implica necessariamente o desaparecimento de todos os traços que compõem a vogal [u], em contrapartida, o traço [+sil] estende-se à vogal do tema nominal.

Assim, com este exemplo, pode-se depreender que a relação entre a morfologia e a fonologia ocorre ao nível lexical, à medida que ambas áreas interagem entre si com vista à formação da palavra *mwànà*.

Portanto, esta teoria é fundamental para o presente estudo, pois, ao se pretender identificar e descrever os constituintes tempo e aspecto em Cítshwa, ela permitirá mostrar que os fenómenos morfológicos são, de facto, condicionados fonologicamente, se se partir do princípio de que cada entrada morfológica, ou seja, cada processo de formação de palavra é submetido às regras fonológicas específicas, no domínio lexical e/ou pós-lexical.

Morfologia: conceitualização

Nas áreas de estudo da linguagem, a morfologia aparece como uma área polémica. Para muitos especialistas, ela é tida como a principal componente da gramática.

Confere Villalva (2008) que a morfologia se dedica ao conhecimento de um tipo específico de formas, que são as palavras. Como defende o autor, afirmar que a morfologia se ocupa do conhecimento da forma das palavras é, simultaneamente dizer pouco e dizer demais, visto que há aspectos da forma das palavras, como a sua realização fonética, que competem, não à morfologia, mas sim à fonologia. Também não se pode afirmar que a morfologia se ocupa apenas da forma das palavras, dado que trata também das relações que se estabelecem entre a forma, função e o significado das palavras.

Haspelmath e Simis (2010) sustentam que a morfologia é: (i) o estudo da ‘co-variação’ na forma e nos significados que ocorrem sistematicamente nas palavras ou nos grupos de palavras. Ela consiste na identificação das partes de palavras, ou, tecnicamente, dos constituintes internos das palavras; (ii) o estudo da combinação dos morfemas que produzem palavras.

Após esta breve revisão, pode-se entender que a morfologia é uma disciplina que tem a palavra como objecto de estudo, estudando, desse modo, a sua estrutura interna, organização dos seus constituintes e o modo como essa estrutura reflecte a relação com outras palavras dentro de um sistema; ou seja, é uma disciplina linguística que tem o morfema, a unidade mínima de análise morfológica como objecto, estudando a sua estrutura interna.

A morfologia preocupa-se em analisar as formas de palavras – alterações sistemáticas na forma dessas unidades. Uma palavra é, geralmente, constituída por duas classes de morfemas: *lexemas* (raiz/radical) – são unidades lexicais abstractas que reúnem todas as flexões da mesma palavra;

grafema (afixos) – são unidades que constituem a parte variável da palavra e são responsáveis pela expressão de relações gramaticais (AZUAGA, 1996; SANDALO, 2003).

Ainda no âmbito da morfologia, linguistas estruturalistas dos anos 40/50 concluíram que as palavras são constituídas por unidades mínimas significativas, mais pequenas – os morfemasⁱⁱⁱ. Quanto (i) à *natureza do significado*, eles podem ser lexicais/classe aberta (têm uma significação externa, pois, referem-se aos factos do mundo extralinguístico. Exemplos: (símbolos, céu, terra, animal, substantivos, adjectivos, verbos, etc.); gramaticais/classes fechadas (têm uma significação interna ao nível da língua, assinalam certas relações gramaticais. É o caso das preposições, conjunções, pronomes, etc. (ii) à *ocorrência* – presos [prefixos, sufixos, infixos]; aqueles que se afixam a outros morfemas ou a palavras para a sua ocorrência. Estes podem ser derivacionais uma vez que são responsáveis pela formação de novas palavras; e – livres, aqueles que detêm de autonomia morfossintáctica; (iii) ao *domínio de inserção* – aditivos e substitutos (NGUNGA, 2004; AZUAGA, 1996).

Em morfologia, é importante distinguir *radical* – sintacticamente morfemas presos, sem autonomia sintáctica, portadores de informação lexical (significado básico de uma palavra) e, morfologicamente, são morfemas sem fronteira interna, indivisíveis, isto é, não são analisáveis em constituintes; da *raiz* – formas mínimas irredutíveis que guardam a essência significativa de uma estrutura morfológica (NGUNGA, 2004; HASPELMATH e SIMIS, 2010; AZUAGA, 1996).

Depois desta breve discussão em torno do conceito morfologia, a seguir são discutidas as categorias verbais: tempo, aspecto.

Tempo

Na asserção de Mateus *et al.* (2003), os tempos gramaticais referem-se ao tempo entendido como ordenação linear orientada do passado em direcção ao futuro. Esta concepção tem como consequência considerar que os tempos gramaticais se articulam em três domínios, o passado, o presente e o futuro, permitindo-nos falar de uma relação de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade do tempo relativamente a um momento escolhido como o de referência e que normalmente é o da enunciação.

Comrie (1976) refere que o tempo relaciona o momento da ocorrência de uma situação com o momento do discurso. De acordo com Vários (2010), o tempo é uma categoria verbal que localiza situações, eventos ou estados num determinado ponto de ordenação linear, orientando do passado para o futuro. Os tempos verbais orientam-se em três domínios: passado, presente e futuro, tendo como referência três pontos de localização temporal: ponto de articulação; ponto de evento e ponto de referência.

O tempo (DAHL, 1985; MATEUS *et al.*, 2003) é uma categoria deíctica relacionada com os posicionamentos temporais inerentes a cada momento da fala. À semelhança de outros autores, Reichenbach (1947) citado por Arin (2003), um dos autores que desencadeou estudos envolvendo o tempo e o aspecto através de critérios semânticos, divide o tempo em três categorias, a saber: tempo da fala (tempo em que se desenrola a acção, ou seja, tempo que coincide com o momento da fala ou

da enunciação); tempo do evento (diz respeito ao tempo de acontecimento descrito, isto é, tempo em que se descreve a enunciação) e tempo de referência (tempo que serve como ponto intermédio a partir do qual se pode situar o evento ou estado descrito).

Já na gramática tradicional, em conformidade com Cunha e Cintra (2010), o tempo é a variação que indica o momento em que se dá o facto expresso pelo verbo. Tal como outros autores o fazem, os três tempos naturais são o presente, o pretérito (ou passado) e o futuro, que designam, respectivamente, um facto ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala.

Ngunga (2004) define tempo como um fenómeno que reflecte a cultura de um povo e pode ser considerado como uma categoria filosófica. Este autor, além dos três tempos básicos (passado, presente e futuro) que reflectem o senso comum, mostra que nalgumas línguas, o passado e o futuro podem ser repartidos numa relação simétrica. Observem-se os esquemas que se seguem:

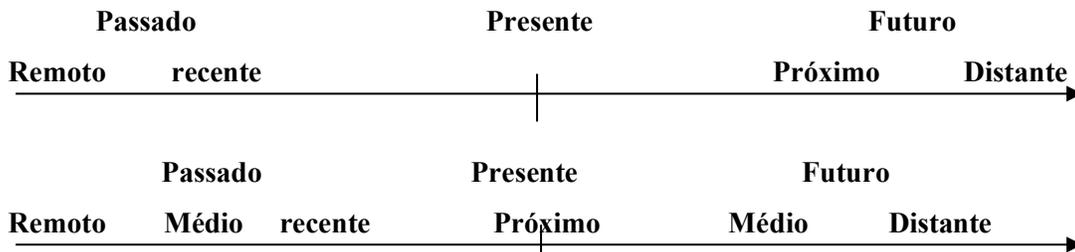


FIGURA 1: Representação da categoria tempo

Fonte: Ngunga (2004).

Com base nos dados recolhidos nalgumas línguas bantu, Ngunga (2004) chega à conclusão de que tanto o passado como o futuro podem ser tripartidos em: remoto, médio e recente; próximo, médio e distante, respectivamente; onde o presente, basicamente, é aspectual. Acrescenta ainda que nas línguas bantu, a marca de tempo como tal não tem posição fixa na estrutura verbal. Em cada língua ou cada grupo pequeno de línguas, o seu lugar pode variar em função do tempo específico, havendo casos em que ela é descontínua.

Portanto, embora cada língua apresente o seu sistema de organização de eventos em diversos posicionamentos temporais, independentemente das perspectivas que aqui foram arroladas, no presente estudo, a noção de tempo será entendida como uma categoria gramatical, deíctica, que se circunscreve aos verbos; tais verbos podem variar entre o passado e o futuro, passando pelo presente, tendo como referência três pontos de localização temporal, nomeadamente, ponto de fala, ponto de evento e ponto de referência.

Aspecto

Soares (1997), a partir da perspectiva histórica, apresenta várias teorias semânticas relativas ao tempo e ao aspecto chegando à conclusão de que vários autores apresentam uma preocupação com a classificação verbal de categorias lexicais. Ao classificarem os lexemas não considerando o aspecto envolvido nas ocorrências temporais se mostrou insuficiente ao ser aplicado em outras línguas,

gerando o paradoxo do imperfeito. Assim, a gramática tradicional introduz a noção de aspecto verbal de maneira inadequada, tratando de maneira homogênea e flexão, o modo e o tempo.

O aspecto é uma categoria verbal de tempo, não deíctica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o da realização da situação (TRAVAGLIA, 2016).

Coan *et al.* (2006), numa abordagem sobre os pressupostos teóricos referentes às categorias verbais: tempo, aspecto, modalidade e referência, destacam que o aspecto não é marcado exclusivamente por um elemento gramatical, mas por diferentes categorias (aspecto inerente ao verbo, aspecto codificado pela morfologia verbal, aspecto codificado pelos modificadores adverbiais) que interagem entre si. Estes autores classificam os valores aspectuais denotados pelos verbos, assumindo a proposta aspectual de Castilho (2003), que sub-especifica o perfectivo em resultativo e pontual e o imperfeito em inceptivo, cursivo e culminativo.

Quanto à qualidade, as situações são classificadas em perfectivas e imperfectivas. A perfectividade está relacionada ao traço de telicidade da situação, ou seja, uma situação perfectiva só tem existência quando do seu desfecho. A imperfectividade está relacionada ao traço de atelicidade. Uma situação imperfectiva tem sua existência já quando inicia, independentemente de um ponto final no intervalo da estrutura temporal (COAN *et al.*, 2006).

Diferentemente do tempo, do modo e da voz, o aspecto designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a acção expressa pelo verbo. Pode ele considerá-la como concluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como não concluída, ou seja, observada na sua duração, na sua repetição. Além desta distinção básica, o aspecto inclui outros valores semânticos pertinentes ao verbo (icoativo, conclusivo, permansivo, durativo, pontual, descontínuo, contínuo) (CUNHA e CINTRA, 2010).

Vários (2010) define aspecto como categoria que permite descrever e identificar o sentido de uma situação, a partir da informação lexical e gramatical. Diferentemente de outros autores até aqui apresentados, a novidade deste reside na tipologia por eles adoptada, que distingue o aspecto gramatical do lexical. Por um lado, o aspecto lexical apresenta-se através do significado intrínseco que a palavra ou conjuntos de palavras veiculam; este permite estabelecer a distinção entre situações estativa ou estados, eventos durativos dos não durativos. Por outro lado, o aspecto gramatical verifica-se no domínio da predicação, podendo o valor aspectual variar em função do valor temporal e das combinações com verbos auxiliares (iterativo, genérico, habitual, não culminado e culminado).

O aspecto é uma categoria que indica as diferentes formas de se conceber a constituição temporal interna de uma situação e Comrie (1976, p. 35) classifica-o a partir de valores semânticos, tendo em conta várias oposições. Veja-se o esquema (Figura 2).

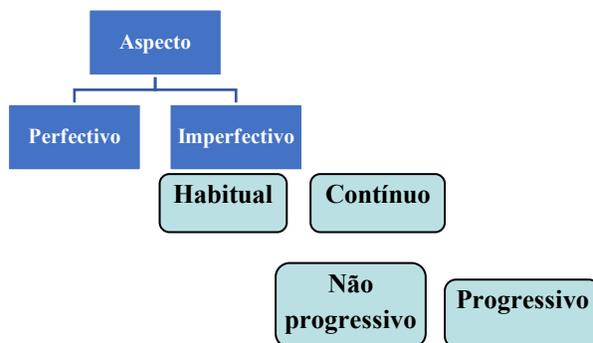


FIGURA 2: Representação da oposição aspectual

Fonte: Comrie (1976, p. 25)

Segundo o esquema, Comrie (1976) divide o aspecto em duas categorias principais, nomeadamente, perfectivo e imperfectivo. O imperfectivo subdivide-se em habitual e contínuo, por fim, o contínuo pode ser não progressivo ou progressivo. Na óptica de Arin (2003), o aspecto situa-se a nível gramatical, pois, alguns componentes que primeiramente formam o tipo de situação da frase podem contribuir para a formação de uma categoria aspectual particular.

Tendo-se discutido a categoria aspectual na perspectiva de vários autores, o presente estudo assenta na oposição aspectual de Comrie (1976), justamente por ser mais abrangente e menos abstracta com vista à descrição de dados envolvendo a língua de estudo. O estudo irá testar a aplicação deste modelo tendo em conta os morfemas aspectuais nas categorias (i) perfectivo, (ii) imperfectivo (habitual e contínuo – não progressivo ou progressivo).

Estas distinções semânticas propostas por Comrie (1976) foram primeiramente aplicadas à língua inglesa. Contudo, pode-se depreender que elas dependem da estrutura do sistema de cada língua, pois, havendo uma intrínseca relação entre o tempo e o aspecto, nalgumas línguas, sobretudo de grupo bantu, os morfemas que indicam as categorias temporais e aspectuais são assinalados por elementos suprasegmentais. Há línguas que apresentam uma simples categoria que expressa o aspecto imperfectivo e há outras complexas, que dividem o imperfectivo em outras categorias.

METODOLOGIA

Nesta secção é apresentada a metodologia adoptada para a geração, análise e interpretação de dados. Quanto aos objectivos, corroborando os critérios de Vergara (2010) e Santaella (2006), o estudo é exploratório, visto que, à luz da Morfologia e Fonologia lexical, o estudo analisa as categorias tempo e aspecto no verbo em Citshwa. O estudo é de campo, relativamente aos meios e/ou procedimentos (VERGARA, 2010; RUIZ, 2009; SANTAELLA, 2006).

Assim, os dados que fizeram parte da pesquisa foram gerados de diversas técnicas e métodos:

- i) pesquisa bibliográfica (PESSOA, 2012), que consistiu no uso sistemático de materiais escritos, fontes de natureza primária e secundária que incidem sobre a temática.

- ii) Foi adoptado o inquérito através de um questionário (DORNYEI e TAGUCHI, 2010; CARVALHO, 2009), visto que durante de campo, os informantes, individualmente, fizeram a ‘auto-administração’ das perguntas, produzindo respostas às questões que lhes foram administradas. Assim, o primeiro questionário (NELIMO, 1989) administrado à população-alvo continha o vocabulário básico em Português (lista de verbos, nomes de seres humanos, nomes de animais, partes de corpo humano, plantas, frutas, locativos, produtos alimentares, dias da semana, pronomes). Este vocabulário foi traduzido para a língua Citshwa pelos informantes. O segundo questionário, mais específico ao estudo das categorias tempo e aspecto, foi constituído por vários enunciados, traduzidos de Português para a língua de estudo pelos informantes. Os enunciados foram distribuídos por diversas oposições aspectuais e temporais, tendo em conta as formas negativa e afirmativa.
- iii) Foi, também, adoptada a entrevista qualitativa (GASKELL, 2003; RUIZ, 2009; LÜDKE e ANDRÉ, 1998), que durava aproximadamente 30 minutos. Esta técnica permitiu o aprofundamento da interpretação das palavras, frases e/ou enunciados traduzidos de Português para a língua Citshwa, uma vez que o autor desta pesquisa não fala a língua em estudo. Assim, durante a entrevista, procedeu-se ao treinamento da fala por parte do pesquisador (articulação das palavras) com vista à marcação do tom na presença dos inqueridos.

O trabalho de campo decorreu na cidade de Maxixe entre 2014 a 2015. O questionário foi aplicado a 300 informantes previamente identificados entre falantes da língua Citshwa como L1, designadamente, estudantes e docentes dos cursos de línguas da Universidade Save – Maxixe (Extinta Universidade Pedagógica – Delegação de Maxixe), líderes comunitários, pastores das Igrejas Evangélicas a nível da autarquia de Maxixe, professores afectos às escolas bilingues em Inhambane e técnicos da Direcção Provincial de Educação e Desenvolvimento Humano. Dos 300 questionários preenchidos, de forma aleatória, seleccionou-se uma amostra representativa de 70, usando-se variáveis diversificadas dos informantes, tais como: idade, sexo, nível escolar e proficiência linguística.

Entretanto, a abordagem do problema seguiu o método qualitativo (RICHARDSON, 2008; DENZIN e LINCOLN, 2006; BORTONI-RICARDO, 2008; SAVIN-BADEN e MAJOR, 2010). A escolha desta abordagem justifica-se pelas vantagens aliadas não só ao seu carácter indutivo, holístico e descritivo, como também às técnicas a elas relacionadas, que permitiram uma observação minuciosa durante a interpretação dos questionários.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na língua de estudo, esta secção descreve as categorias tempo (passado, presente e futuro) e aspecto (perfectivo e imperfectivo).

Tempo verbal em Citshwa

Tempo passado

O passado é uma parte do tempo e refere-se a todo e qualquer acontecimento em período de tempo anterior ao tempo presente, expressando, assim, uma acção que decorreu antes do momento da

enunciação. Segundo Gomes (2009, p. 188), quando se refere ao tempo passado, “pode-se fazê-lo considerando três dimensões^{iv} e dois aspectos (perfectivo e imperfectivo)”.

Passado na forma afirmativa

1. Observem-se os dados, em (1), do passado na forma afirmativa no modo indicativo:

- a) yèná à-chik-e(i)lè.
3ps MS-chegar-PS
'ele chegou'
- b) nkámá ù-ngà-chikélà, à-hì-wòn-ílè búkà-búkà.
Adv. tempo MS-Rel-chegar PSC-MS-ver-PSD nome
'quando tu chegaste, nós tínhamos assistido ao filme'
- c) mìná ndzi-wà-hlázv-ílè tìngúwò.
1ps MS-A-lavar-PS nome (cl. 10)
'eu tinha lavado a roupa'
- d) hìná hì-wòn-ílè búkà-búkà.
1pp MS-ver-PS nome
'nós assistido ao filme'

Em (1) foi descrito o passado (PS). Em Citshwa, com base nos dados acima, este tempo é expresso pelo morfema *-ilè*, com uma estrutura do tipo *-VCV*. Porém, em (1a), na estrutura do verbo, o passado é assinalado pelo morfema *-é*, do tipo *-V*. Estes morfemas ocorrem na posição final (11) como será visto mais adiante na Tabela 1, referente à distribuição dos morfemas do tempo em Citshwa. Estes dados mostram ainda que o Citshwa não exhibe o passado remoto (evento muito distante), médio (evento não muito distante) e recente (evento que aconteceu recentemente), tempos comuns em bantu. Esta língua exhibe apenas o morfema *-ilè* que, no verbo, expressa o passado simples. Diferentemente de outras frases, a frase descrita em (1b) expressa o passado composto (PSC)^{vi}. Os morfemas que expressam este passado são *à-...-ilè*, que ocorrem na posição pré-inicial (1) e final (11), respectivamente na estrutura do verbo.

Passado na forma negativa

2. Vejam-se os dados do passado na forma negativa no modo indicativo:

- a) nyàmùtlhà nìmìxò hìná à-hì-hlázv-àngí pàràtù.
Adv. tempo 2pp Neg-MS-lavar-Neg nome
'hoje, de manhã, nós não lavámos o prato'
- b) nyàmùtlhà nìmìxò hìná à-hì-rìl-àngí.
Adv. tempo 1pp Neg-MS-chorar-Neg
'hoje, de manhã, nós não chorámos'
'ontem, nós não chorámos'
- c) lèmbé gìngàhùndzà hìná à-hì-rìl-àngí.
Adv. tempo 1pp Neg-MS-chorar-Neg
'no ano passado nós não chorámos'

d)	nkámá	ù-ngà-chikélà	à-hì-ngà-wòn-àngí	búkà-búkà.
	tempo	MS-Rel-chegar	Neg-MS-Neg-ver-Neg	nome
	‘quando tu chegaste,		nós não tínhamos assistido ao	filme’

Tal como os exemplos ilustram, em Citshwa, não ocorre um morfema específico que exprime a negação. No tempo passado simples, os morfemas que expressam a negação em Citshwa são *à- ... -àngí-*, que ocorrem, de forma simultânea, na posição pré-inicial (1) e pré-final (10), respectivamente (veja-se mais adiante a Tabela 1). No entanto, os dados abaixo mostram a relação entre a morfologia e a fonologia lexical, em face da afixação do morfema de negação no passado composto em (2d), que acaba por criar alguns problemas de carácter fonológico:

a. Radical:	-wòn-	‘assistir/ver’
b. PS na forma afirmativa	hìwònìlè	‘assistido’
c. PS na forma negativa	àhìwònàngí	‘não assistido’
d. PSC na forma afirmativa	àhìwònìlè	‘tínhamos assistido’
e. Inserção de negação no PSC	ààhìwònàngí?	
f. Apagamento de /a/ do PSC	àhìwònàngí?	‘não vimos’
g. Inserção de <i>-nga-</i>	àhìngàwònàngí	‘não tínhamos assistido’
h. Resultado:	àhìngàwònàngí	‘não tínhamos assistido’

Em Citshwa, mostrou-se que o morfema que expressa o passado simples na forma afirmativa é *-ìlè*, ao passo que no passado composto são *á-...-ìlè*. Enquanto no passado simples são aglutinados ao verbo os morfemas *à-...-àngí-* para assinalar a negação, no passado composto ocorrem dois processos fonológicos (elisão e inserção) que intervêm na formação da negação. O primeiro processo consiste na elisão *à-*, morfema que expressa a forma afirmativa do passado composto (posição pré-inicial), porque co-ocorre com *à-*, morfema que assinala a primeira negação e criam a sequência *-VV-*. O segundo processo resulta na inserção do morfema *-ngá-* na posição pós-inicial (3) (veja-se mais adiante a Tabela 1), com vista a se eliminar eventuais ambiguidades com a negação do passado simples. Observe-se que, com a inserção deste morfema, o passado composto na forma negativa passa a ser assinalado pelos morfemas *á-...-ngá-...-àngí-*, que se distribuem pelas posições pré-inicial (1), pós-inicial (3) e pré-final (10), respectivamente (veja-se mais adiante a Tabela 1).

Tempo presente

Do ponto de vista aspectual, o presente apresenta a interessante característica de só ser um tempo presente, pelo menos parcialmente sobreposto ao tempo da enunciação, com estados. Com eventos, observa-se alterações aspectuais com algumas restrições quanto às culminações, processos culminados e pontos. A informação temporal de presente pode ocorrer com eventos em casos excepcionais como situações de relato directo, por exemplo, de um jogo, ou quando se utilizam performativos (MATEUS *et al.*, 2003).

Presente pontual na forma afirmativa

3. Observem-se os dados do presente pontual na forma afirmativa, no modo indicativo:

a)	móvhà	w-ó-nyímà,	hikà-wònà	kùhùmà wàsàti	wósàsékà.
	nome	MS-PresP-parar	Pron-MS	Verbo nome (cl1)	Adj.

‘o carro pára e dele sai uma mulher linda’

- b) nyàmùtlhà hiná h-ó-hlázvâ pàràtù.
tempo 1pp MS-PresP-lavar nome
‘hoje, nós estamos a lavar o prato’

O presente pontual relaciona-se com o aspecto imperfectivo (pontual) e marca uma coincidência entre o momento em que a acção ocorre e o momento da enunciação. Em Citshwa, todas as frases em (3) expressam o presente pontual (PresP), assinalado pelo morfema –ó-, do tipo –V-, com um tom alto e ocupa a posição do pós-formativo 1 (5). Todavia, em (3b), a afixação deste morfema no verbo cria constrangimentos fonológicos com a marca de sujeito (-hì-), da primeira pessoa do plural. Veja-se a regra abaixo:

$$/+sil, +tens, +alt, -rec/ \rightarrow \text{[O]} / [+rec, -alt, -bx, -tens]$$

Assim, o encontro de –ì- da marca do sujeito com –ó-, marca do presente pontual, tal como a regra mostra, a vogal [+alt, -rec] da marca do sujeito é apagada quando antecede a vogal [-alt, -bx, +rec], morfema que expressa o afirmativo do presente pontual.

Presente pontual na forma negativa

4. Dados do presente pontual na forma negativa, no modo indicativo:

- a) móvhà à-wù-nyim-í.
nome Neg-MS-parar-Neg
‘o carro não pára’
- b) nyàmùtlhà hiná à-hì-hlázv-í pàràtù.
tempo 1pp Neg-MS-lavar-Neg nome
‘hoje, nós não estamos a lavar o prato’

Uma observação atenta a estes dados mostra que o presente pontual na forma negativa é assinalado pelos morfemas à-...-í-, distribuídos pelas posições pré-inicial e final (VF), respectivamente. O primeiro morfema, com uma estrutura do tipo – V-, apresenta um tom baixo, contrariamente ao segundo, do tipo – V-, que possui um tom alto.

Presente habitual na forma afirmativa

5. Dados do presente habitual na forma afirmativa, no modo indicativo:

- a) miná ndz-à-màhà lézvì kámá ní kámá.
1ps MS-PresH-fazer Pron tempo
‘eu faço isso sempre’
- b) hiná h-à-hlázvâ khùrisè.
1pp MS-PresH-lavar nome
‘nós lavamos a parede’
- c) miná ndz-à-hlázvâ tìngùwò.
1ps MS-PresH-lavar nome
‘eu lavo a roupa’

Em (5) foram descritas algumas frases no modo indicativo que expressam o afirmativo do presente habitual (PresH). Comparativamente ao presente pontual, em Citshwa, em todas as formas verbais, o morfema que exprime o presente habitual é *-à-*, com um tom baixo, que ocorre na posição do pós-formativo 1 (5).

Presente habitual na forma negativa

6. Dados do presente habitual na forma negativa, no modo indicativo:

- | | | | | |
|----|------|------------------|-----------|---------------|
| a) | mìná | à-ndzì-màh-í | lézvì | kámá ní kámá. |
| | 1ps | Neg-MS-fazer-Neg | Pron | tempo |
| | ‘eu | não faço | isso | sempre’ |
| b) | hìná | à-hì-hlàzv-í | khùrisè. | |
| | 1pp | Neg-MS-lavar-Neg | nome | |
| | ‘nós | não lavamos | a parede’ | |
| c) | mìná | à-ndzì-hlàzv-í | tìngùwò. | |
| | 1ps | Neg-MS-lavar-Neg | nome | |
| | ‘eu | não lavo | a roupa’ | |

Os exemplos descritos em (6) mostram a distribuição dos morfemas que exprimem o presente habitual na forma negativa. Tais morfemas são *à-...-í-*, que se distribuem pelas posições pré-inicial (1) e final (11), respectivamente. Portanto, quer no presente pontual, quer no habitual, os morfemas são os mesmos que exprimem a negação.

Tempo futuro

O futuro simples raramente expressa tempo posterior ao tempo da enunciação. De facto, é tendencioso, mais próximo de um modo do que um tempo. O futuro pode indicar factos futuros, enunciados condicionados que expressam factos de realização provável, etc. (MATEUS *et al.*, 2003; AAVV, 2010).

Futuro na forma afirmativa

7. Dados do futuro na forma afirmativa, no modo indicativo:

- | | | | | |
|----|------------|----------------|---------------|----------|
| a) | mìná | ndzì-tà-hlàzvà | tìngùwò. | |
| | 1ps | MS-FutS-lavar | nome | |
| | ‘eu | lavarei | a roupa’ | |
| b) | màndzikù | hìná | hì-tà-hlàzvà | pàràtù. |
| | Adv. tempo | 1pp | MS-FutS-lavar | nome |
| | ‘amanhã, | nós | lavaremos | o prato’ |

Em Citshwa, o futuro simples (FutS) é expresso pelo morfema *-tà-*, com uma simples estrutura do tipo *-CV-*, cuja vogal contém um tom baixo. Este morfema ocorre na posição do formativo (4).

Futuro na forma negativa

8. Dados do futuro simples na forma negativa, no modo indicativo:

- a) miná à-ndzi-ngà-tà-hlàzvà tìngùwò.
 1ps Neg-MS-Neg-FutS-lavar nome
 ‘eu não lavarei a roupa’
- c) màndzikù hìná à-hì-ngà-t-àhlàzvà pàràtù.
 Adv. tempo 1pp Neg-MS-Neg-FutS-lavar nome
 ‘amanhã, nós não lavaremos o prato’

Em (8) foram apresentadas algumas frases cujas formas verbais se encontram na forma negativa do futuro simples. A forma negativa deste tempo é marcada pelos morfemas *à-...-ngà-*, que ocupam as posições pré-inicial (1) e pós-inicial (3), respectivamente.

Descritos os morfemas que expressam a categoria tempo em Citshwa, a tabela seguinte sistematiza a sua distribuição, tendo em conta os tempos passado simples, passado composto, presente habitual, presente pontual e futuro simples, nas formas afirmativa e negativa:

TABELA 1: Distribuição dos morfemas de tempos em Citshwa

Tempo	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	For	Pós For 1	Pós-for 2	Pré-rad	Radical	Pós-rad	Pré-Final	Final
	Neg	MS	Neg Rel	Fut	Pres Asp Hab/P ont	Asp Prog	MO	Raiz	Ext.V	Neg	VF
PS Afir	-	-hì-	-	-	-	-	-lì-	-hlàzv-	-	-	-ilè- (-è-)
PS Neg	à-	- hì -	-	-	-	-	-lì-	-hlàzv-	-	-àngí-	-
PSC Afir	à-	- hì -	-	-	-	-	-lì-	-hlàzv--	-	-	-ilè-(-è-)
PSC Neg	à-	- hì -	-ngà-	-	-	-	-lì-	-hlàzv-	-	-àngí-	-
PresH afirm	-	- hì -	-	-	-à-	-	-lì-	-hlàzv-	-	-	-à-
PresH Neg	à-	- hì -	-	-	-	-	-lì-	-hlàzv-	-	-	-í-
PresP afirm	-	- hì -	-	-	-ó-	-	-lì-	-hlàzv-	-	-	-à-
PresP Neg	à-	- hì -	-	-	-	-	-lì-	-hlàzv-	-	-	-í-
FutS afirm	-	- hì -	-	-tà-	-	-	-lì-	-hlàzv-	-	-	-à-
FutS Neg	à-	- hì -	-ngà-	-tà-	-	-	-lì-	-hlàzv-	-	-	-à-

Fonte: dados da pesquisa (2024)

Considerado o verbo *-hlàzv-*, ‘lavar’, transitivo, a tabela acima sistematiza a distribuição dos constituintes internos do verbo em Citshwa. Trata-se, somente, da marca do sujeito, marca de objecto e morfemas que expressam o passado simples, passado composto, presente habitual, presente pontual e futuro simples nas formas afirmativa e negativa.

Em todos os tempos, a posição pré-inicial (1) é preenchida pelo morfema da marca de primeira negação *-à-*. Este morfema (*-à-*) coincide com o primeiro, dos que expressam o passado composto na

forma afirmativa; de seguida, encontra-se a marca de sujeito, *-hì-*, (1pp), que ocupa a posição inicial (2); a posição pós-inicial (3) é ocupada pela segunda marca de negação do passado composto, *-ngà-*, que, também, é um dos morfemas que expressa a negação do futuro simples; segue-se a posição do formativo (4), que é ocupada pelo morfema *-tà-*, que expressa o futuro simples na forma afirmativa; a posição (5), do pós-formativo 1, correspondendo ao aspecto, é preenchida pelo morfema *-ó-*, que expressa a forma afirmativa do presente pontual e pelo morfema *-à-* que assinala a forma afirmativa do presente habitual; a posição (6), do pós-formativo 2 mantém-se vazia uma vez que é preenchida pelo aspecto progressivo; a posição (7), a do pré-radical, corresponde à marca de objecto e é ocupada pelo morfema *-l^{vii}-*. A posição (8), do radical, é ocupada por *-hlàzv-*. A posição (9) mantém-se vazia^{viii}. Na posição (10), pré-final, ocorre a terceira negação, representada pelo morfema *-àngí-*, ocorrendo, apenas, no passado simples e composto. A posição (11), final, é constituída pela vogal final, podendo ser os dois alomorfes do passado simples e composto, *-ilè-* (*-è-*).

Aspecto verbal em Citshwa

Esta secção descreve o aspecto verbal em Citshwa. Particularmente, são descritas as categorias: (i) perfectivo (Perf); (ii) imperfectivo (Imperf); (ii) habitual (Hab); (iv) progressivo (Prog) e (v) pontual (Pont).

Aspecto perfectivo

Em conformidade com Comrie (1976), a perfectividade pode ser combinada com certas propriedades aspectuais, de acordo com as propriedades morfológicas e sintácticas de cada língua. O aspecto perfectivo indica uma acção completa no tempo. Diz respeito a uma situação completada com sucesso (COMRIE, 1976). Para Gomes (2009), o aspecto perfectivo mostra que a acção está totalmente terminada no momento em que se produz o enunciado e relaciona-se com os tempos pretérito perfeito e o pretérito mais-que-perfeito, ambos passados.

Aspecto perfectivo na forma afirmativa

9. Vejam-se os dados do aspecto perfectivo, no modo indicativo em Citshwa:

- | | | | |
|----|---------------------|---|--|
| a) | yená
3ps
'ele | à-yak- ilè
MS-fazer-Perf
construiu | yíndlù.
nome
uma barraca (casa)' |
| b) | híná
1pp
'nós | hì-wòn- ilè
MS-ver-Perf
assistimos ao | búkà-búkà.
nome
filme' |
| c) | míná
1ps
'eu | ndzì-tshàm- ilè
MS-sentar-Perf
sentei-me | cítùlwìnì.
nome (cl.7)
na cadeira' |

Em (9) foram descritos exemplos do aspecto perfectivo em Citshwa. Observando-se os dados, note-se que este aspecto está relacionado com o passado simples e é assinalado pelo morfema *-ilè-*, que ocorre na posição final. Todas as acções e/ou eventos expressos pelo verbo foram realizados, completados, concluídos e delimitados no tempo.

Aspecto imperfectivo

Na visão de Comrie (1976), é comum afirmar-se que a forma imperfectiva indica situações de longa duração. Por seu turno, Gomes (2009) define aspecto imperfectivo como sendo uma categoria que mostra uma acção em duração. Esta categoria relaciona-se com o passado, mas também com o presente, que dá a ideia de ‘em realização’, ‘em processo’. O imperfectivo indica que uma acção ou processo perduraram no tempo e no espaço, sem delimitação.

Aspecto imperfectivo habitual

Para Nurse (2003) citado por Okoudowa (2010), a forma habitual é um imperfectivo, no sentido em que a acção está em curso. Para Comrie (1976), o habitual é uma das ramificações do imperfectivo.

10. Os exemplos seguintes mostram o aspecto imperfectivo habitual (Hab), no modo indicativo, na língua de estudo:

- a) mìná ndzi-**wá**-khòtsà tivátì.
 lps MS-Hab-trancar nome
 ‘eu trancava as portas’
- b) mùfànà ì-**wá**-kinà kùvè yena ì-**wá**-tsàlà pàpílù.
 nome (cl.1) MS-Hab-dançar conj. pron MS-Hab-escrever nome
 ‘o menino dançava enquanto o João escrevia uma carta’

Com base nos exemplos acima, pode-se concluir que em Citshwa o aspecto habitual, na forma afirmativa, é marcado pelo morfema *-wá-*, do tipo *-CV-*, cuja vogal contém um tom alto e ocorre na posição do pós-formativo 2 (6).

Aspecto imperfectivo pontual

O aspecto pontual relaciona-se com o presente pontual e descreve acções e/ou eventos que ocorrem no momento da enunciação e, que, ainda, perduram no tempo.

11. Os exemplos abaixo mostram o aspecto imperfectivo pontual no modo indicativo:

- a) mìná ndzi-**wó**-khòtsà tivátì.
 lps MS-Hab-trancar nome
 ‘eu trancava as portas’
- b) mùfànà ì-**wó**-kinà kùvè yena ì-**wó**-tsàlà pàpílù.
 nome (cl.1) MS-Hab-dançar conj. pron MS-Hab-escrever nome
 ‘o menino dançava enquanto ele escrevia uma carta’

Ainda no imperfectivo, os exemplos apresentados em (11) provam que em Citshwa se distingue o aspecto habitual do pontual. Todas as frases expressam o aspecto pontual, e é assinalado pelo morfema *-wó-*, que ocupa a posição do pós-formativo (6), do tipo *-CV-*.

Aspecto progressivo

O aspecto progressivo (Prog) representa uma ação em curso, que está acontecendo faz apenas alguns segundos, com relação ao momento da fala (Nurse, 2003) apud (Okoudowa, 2010). Para Comrie (1976), o aspecto progressivo descreve ações que estão em progresso.

12. Os dados que se seguem descrevem o aspecto imperfectivo progressivo (Prog), no modo indicativo:

- a) mìná ndzì-wá-**hà**-khòtsà tiváti.
 lps MS-Hab-Prog-trancar nome
 ‘eu estava trancando as portas’
- b) mùfánà ì-wá-**hà**-kìnà.
 nome (cl.1) MS-Hab-Prog-dançar
 ‘o menino estava dançando’

As frases em (12) descrevem o aspecto progressivo em Citshwa. Por um lado, em todos os exemplos, as formas do verbo auxiliar ‘estar’ com que ocorre o verbo principal na formação do aspecto progressivo encontram-se na forma equivalente ao ‘pretérito imperfeito’ do Português, e, por outro lado, as formas do verbo principal encontra-se na forma equivalente ao gerúndio do Português. Como se pode ver, o aspecto progressivo envolve o verbo ‘estar’ e é expresso pelo morfema *-hà-*, com uma estrutura do tipo *-CV-*, que ocupa a posição do pós-formativo 2 (6), após a afixação da marca do aspecto habitual *-wá-*, que ocupa a posição do formativo (5).

A Tabela 2 sistematiza a sua distribuição dos valores aspectuais na língua de estudo:

TABELA 2: Distribuição dos morfemas aspectuais em Citshwa

Aspecto	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
	Pré-inicial	Inicial	Pós-inicial	For	Pós-For 1	Pós-For 2	Pré-rad	Radical	Pós-rad	Pré-Final	Final
	Neg	MS	Neg Rel	Pres Fut	Pres Asp Hab/Pont	Asp Prog	MO	Raiz	Ext. V	Neg	VF
Perf	-	-hì-	-	-	-	-	-	-gòndz-	-	-	-ílè-
Hab	-	-hì-	-	-	-wá-	-	-	-gòndz-	-	-	-à-
Pont	-	-hì-	-	-	-wó-	-	-	-gòndz-	-	-	-à-
Prog	-	-hì-	-	-	-wá-	-hà-	-	-gòndz-	-	-	-à-

Fonte: dados da pesquisa (2024)

Considerando-se a lpp e a base verbal *-gòndz-* ‘estudar’, transitivo, tal como a tabela ilustra, os morfemas aspectuais distribuem-se pelas diversas posições na estrutura do verbo. O aspecto perfectivo, coincidindo com o passado simples, ocupa a posição final (11); enquanto o aspecto imperfectivo habitual é assinalado pelo morfema *-wá-*, ocorrendo na posição do pós-formativo 1 (5), o imperfectivo pontual é marcado pelo morfema *-wó-* e, também, ocupa a mesma posição. Por fim, o

aspecto imperfectivo progressivo ocupa a posição do pós-formativo 2 (6) e é assinalado pelo morfema *-hã-*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo pretendia descrever as categorias tempo e aspecto em Citshwa. Depois da análise do tempo, pode-se concluir que esta categoria é expressa sobretudo pela flexão verbal. O tempo é expresso por morfemas específicos, distribuídos pelo passado, presente e futuro, e encontram-se aglutinados ao verbo. Relativamente ao aspecto, os dados mostram que esta língua dispõe de morfemas específicos que assinalam o aspecto e distribuem-se na estrutura do verbo. Entretanto, neste estudo, a posição do pós-formativo subdivide-se em duas, nomeadamente: pós-formativo 1 e pós-formativo 2. Note-se que no formativo ocorrem os morfemas temporais e aspectuais. Em face disso, o estudo mostrou a necessidade de se aumentar mais uma posição, ou seja, a do pós-formativo 2, em que, especificamente, ocorre a marca do aspecto progressivo, visto que na posição do pós-formativo (1) ocorrem as marcas dos aspectos pontual e habitual.

Interesses conflitantes

O autor declara não haver potenciais interesses conflitantes no que diz respeito a pesquisa, autoria e publicação deste artigo.

REFERÊNCIAS

- AAVV. **Gramática Moderna de Língua Portuguesa**. Lisboa: Editora escolar, 2010
- ARIN, M. L. **Aspect, tense and mood: context dependency and the marker ‘le’ in Mandarin Chinese**. Sweden: Lund University, 2003.
- AZUAGA, L. Morfologia. In: FARIA, I. H. *et al.* (ed). **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. 2ª ed. Lisboa: Caminho, 1996.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**. São Paulo: Parábola, 2008.
- CARVALHO, J. E. **Metodologia do trabalho científico: saber fazer da investigação para dissertações**. 2ª ed. Lisboa: Editora Escolar, 2009.
- CASTILHO, A. Aspecto verbal no português falado. In: ABAURRE, M.; RODRIGUES, A. (Orgs.). **Gramática do português falado: novos rumos**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 83-121.
- COAN, M. *et al.* As categorias verbais tempo, aspecto, modalidade e referência: pressupostos teóricos para uma análise semântico-discursiva. **Revista Estudos Linguísticos**, v. XXXV, 2006, p. 1463-1472.
- COMRIE, B. **Aspect**. Cambridge: Cambridge University, 1976.
- CUNHA, C. e CINTRA L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 19ª ed. Lisboa: Edições Sã da Costa, 2010.
- DAHL, O. **Tense and aspect**. New York: Basil Blackwell, 1985.
- DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (ed.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-42.

DORNYEI, Z. e TAGUCHI, T. **Questionnaires in second language acquisition research: construction, administration and processing**. 2ª ed. New York: Routledge. University of Nottingham, 2010.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W. e GASKELL, G. (ed). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ªed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 64-89.

GOLDSMITH, J. e LAKS, B. **Generative phonology: its origins, its principles, and its successors**. Cambridge: University Press, 2012.

GOMES, Á. **Gramática pedagógica e cultural da língua portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2009.

GONÇALVES, C. A. Por uma abordagem autosegmental para a morfologia. **Cadernos de Letras**. UFF. n.39, 2009, p. 211-232.

GUNDANE, L. Fonologia segmental em Citshwa. **Revista Científica da UEM**. Série Ciências Sociais, v. 3, n°.1, 2021, p. 70-89.

GUNDANE, L. **Morfologia e Fonologia Lexical em Citshwa: Uma análise e Descrição das Categorias TAMP em Bantu**. Saarbrücken: Novas edições académicas, 2018.

GUNDANE, L. Variação do Citshwa: análise comparativa do Cihlengwe e Cimhandla. Njinga & Sepé: **Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**. São Francisco do Conde (BA), v.3, n°.1, 2023, p. 209-225.

GUTHRIE, M. **The Classification of the Bantu Languages**. London: IAI, 1967/71.

HASPELMATH, M. e SIMIS, A. D. **Understanding Morphology**. London: Hodder Education – A Hachette UK Company, 2010.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. **IV Recenseamento Geral da População e Habitação, 2017: Resultados Definitivos – Moçambique**, Maputo: INE, 2019.

KATAMBA, F. e STONHAM, J. **Morphology**. 2ª ed. New York: Palgrave Macmillan, 2006.

KIPARSKY, P. Lexical Morphology and Phonology. In: YANG, I. S (ed.). **Linguistic in the Morning Calm**. Seoul: Hanshim, 1982. p. 3-91.

LANGA, D. Morfofonologia do verbo em Changana. **Tese - (doutoramento não publicada)** Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2012.

LEE, S. Fonologia lexical do português. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas.n°.23. p. 103-120. 1992.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1988.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. 6ª ed. Lisboa: Caminho, 2003.

MEEUSSEN, A. E. Bantu grammatical reconstructions. **Africana Linguística**, v. 3, .1967. p. 79-121.

NELIMO. **I Seminário sobre a Padronização da Ortografia de Línguas Moçambicanas**. Maputo: INDE-NELIMO/UEM, 1989.

NGUNGA, A. e FAQUIR, O. **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas: relatório do III seminário**. Maputo: CEA – UEM, 2011.

- NGUNGA, A. *et al.* **Padronização da ortografia de línguas moçambicanas**: relatório do IV seminário. Maputo: Imprensa Universitária, 2022.
- NGUNGA, A. **Introdução à linguística bantu**. Maputo: Imprensa Universitária, 2004.
- NGUNGA, A. **Phonology and morphology of the ciyao verb**. Califórnia: CSLI, 2000.
- OKOUDOWA, B. **Morfologia Verbal do Lembaama**. São Paulo: Universidade de São Paulo. [tese de doutoramento não publicada], 2010.
- PESSOA, M. **Pesquisa Científica**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.
- REICHENBACH, HANS. **Elements of symbolic logic**. London: Macmillan, 1947.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- RUIZ, J. A. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- SANDALO, M. Morfologia. *In*: MUSSALIM, F. e BENTES, A. (ed.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**. 3ª ed.,. São Paulo: Cortez, 2003.
- SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**: projectos para mestrado e doutorado. São Paulo: Hacker Editores, 2006.
- SAVIN-BADEN, M. e MAJOR, C. H. (ed). **New approaches to qualitative research**. New York: Routledge. University of Nottingham, 2010.
- SOARES, G. de F. **Teorias sobre o aspecto verbal**: Crítica e aplicação ao português e ao japonês. Curitiba: Dissertação – (Mestrado em Linguística da Língua Portuguesa. Universidade Federal do Paraná, 1997.
- TRAVAGLIA, L. C. **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 5.ª ed. Uberlândia: Edufu, 2016.
- VANNEST, J. e BOLAND, J. Lexical morphology and lexical access. **Brain and languages**. n.68. The Ohio State University, 1999.
- VÁRIOS. **Gramática moderna da língua portuguesa**. Lisboa: Editora escolar, 2010.
- VERGARA, S. C. **Projectos e relatórios de pesquisa em administração**. 12ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- VILLALVA, A. **Morfologia do Português**. Lisboa: Universidade Aberta, 2008.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

A	Aspecto
Adj	Adjectivo
Adv	Advérbio
Afir	Afirmativo
C	Consoante
FutS	Futuro simples
G	Glide/semivogal
Hab	Habitual
Imperf	Imperfectivo

MO	Marca de objecto
Morf	Morfologia
MS	Marcas de sujeito
Neg	Negação
NELIMO	Núcleo de Estudos de Línguas Moçambicanas
Perf	Perfectivo
pp	Pessoa do plural
PresH	Presente habitual
PresP	Presente pontual
Pron	Pronome
PS	Passado
ps	Pessoa do singular
PSC	Passado composto
Rel	Relativo
T	Tempo
TAMP	Tempo, aspecto, modo e polaridade
TV	Tema verbal
V	Vogal
VF	Voga final
VV	Sequência de duas vogais

NOTAS

ⁱ Na província de Inhambane, além do Citshwa, destaca-se o Gitonga (S. 62), outra língua bantu amplamente falada pela população, com um total de 194.643 e o Cicopi (S. 61), com um total de 227.652 falantes.

ⁱⁱ Na perspectiva de Vannest (1999), o modelo misto de Kiparsky (1982) reside não só na divisão dos afixos (lexicais e derivacionais) em diferentes níveis da sua inserção na base (radical/raiz), como também na interacção entre os processos fonológicos (incluindo os supra-segmentais).

ⁱⁱⁱ Morfema é a mais pequena unidade da palavra (forma) que se relaciona com o significado da estrutura dessa palavra ou de uma determinada frase. A análise das palavras (morfemas) dá origem a formas isoladas – ‘morfes’ – formas físicas que representam morfemas de uma determinada língua, distinguindo fonemas ou sequências de fonemas (KATAMBA e STONHAM, 2006).

^{iv} Trata-se de: i) Pretérito perfeito: uma acção é terminada no momento da enunciação, ou seja, uma acção é completamente concluída; (ii) pretérito imperfeito: indica uma acção que, de modo contínuo, aconteceu no passado; (iii) o pretérito mais-que-perfeito: indica uma acção passada que é anterior a uma outra acção também já passada, relativamente ao momento de enunciação.

^v *tingúwò* é o nome que pertence à classe 10, *-ti-*, e o seu singular da classe 9 é a nasal *-n-*.

^{vi} Em Português, o passado composto (ou pretérito perfeito composto) é um tempo verbal usado para descrever acções concluídas no passado, mas que têm alguma relevância ou consequência no presente, sendo formado pelo verbo auxiliar "ter" conjugado no presente do indicativo e o verbo principal no participio.

^{vii} O nome seleccionado à exemplificação é da classe 5.

^{viii} Os morfemas derivacionais não constituem objecto deste estudo.